

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

CONSELHO EDITORIAL

M. F. DO NASCIMENTO BRITO
PresidenteWILSON FIGUEIREDO
Vice-Presidente

REDAÇÃO

MARCELO PONTES
EditorPAULO TOTTI
Editor ExecutivoMARCELO BERABA
Editor ExecutivoORIVALDO PERIN
Secretário de RedaçãoSÉRGIO RÊGO MONTEIRO
DiretorEDGAR LISBOA
Diretor Agência JB

Ocaso do Caipira

Fernando Henrique Cardoso declarou a um jornal português que os brasileiros rejeitam a globalização porque são mal-informados e têm mentalidade provinciana e caipira. Houve quem se ofendesse. Os mesmos que enaltecem o enraizado caipira como arquétipo brasileiro, detestam ser identificados como tal. Da mesma forma, os que militam no isolacionismo, cultivam a ignorância do próximo e pregam a hostilidade ao estrangeiro, sempre preferem ser identificados como patriotas, nunca como simplórios. Reação sintomática.

O presidente teria chocado menos se explicasse que países continentais como a China, a Rússia e os Estados Unidos padecem ou padeceram do mesmo mal. A companhia ilustre teria atenuado a provocação. Afinal, não se trata de defeito moral: isolacionismo é apenas uma arriscada ilusão, que identifica a virtude na pureza essencial do ser nacional. A América de Alexander Hamilton (1757-1804), a Rússia eslavófila dos mujiques que Pedro o Grande combateu e a China imperial e maoísta foram países ensimesmados, provincianos e xenófobos.

Todos eles abandonaram a vida intramuros por força da história, à custa de muito sofrimento e em busca do progresso material e espiritual. Da mesma forma, o sonho ingênuo de um Brasil autárquico e isolado da comunidade internacional acabou. Não em virtude de decretos liberalizantes ou de alguma conspiração internacional, mas pela força das coisas. O protecionismo perdeu sua razão de ser.

É verdade que a economia brasileira cresceu de forma vertiginosa entre 1947 e 1980, obedecendo o modelo de substituição de importações, que afinal se esgotou com as crises de energia dos 70 e a fragilização fiscal da década seguinte, que provocaram o colapso fiscal do Estado e a deterioração dos serviços públicos. Depois de uma década perdida e com uma tremenda dívida social acumulada, o Brasil procura um novo modelo.

Só que o mundo mudou. Hoje não há mais tecnologia, nem produtos nacionais,

nem corporações nacionais, nem indústrias nacionais como concebíamos esse conceito até uns vinte anos atrás. A reconfiguração do mundo deixou os estados nacionais pequenos demais para os grandes problemas e grandes demais para os pequenos. A mundialização e autonomização da economia exige a recriação de cidadanias para resistir a essas pressões dissolventes. Não pede avestruzes.

Essa a mensagem presidencial. Não se pode voltar ao mundo autárquico dos anos 30. Não se pode recuar para a guerra fria de certezas maniqueístas e muros de arame farpado. É impossível ignorar os fax, satélites, computadores, estações orbitais, lasers, como não se pode tapar o sol com a peneira.

O acanhamento, a nostalgia das raízes do mundo agrário não dão conta das parábolas do mundo globalizado. O Brasil com a nona economia do mundo, país *global-trader*, em processo de integração em um bloco supranacional, não pode se comportar como se estivesse nos tempos do jeca-tatu de Monteiro Lobato, de cócoras, voltado para o seu quintal, às voltas com a sua verminose e suas superstições.

É perfeitamente possível abrir-se ao mundo, viver um renovado cosmopolitismo, abandonar a mentalidade tacanha, sombria e ressentida, e ser patriota. Os europeus, depois de dilaceramentos nacionalistas que resultaram em duas guerras mundiais, vivem hoje a supranacionalidade, o livre-comércio, as co-produções. Descobriram, em meio à recaídas particularistas e racistas, a possibilidade de viver a história em sua dimensão planetária, no ritmo do mundo, em seu desenraizamento e fluidez.

É preciso, pois, abandonar o caipira interior. Arquivar a retórica chouvinista, o culto às fontes, a nostalgia do berço esplêndido, o ufanismo geográfico, a fixidez totêmica do folclore, a volta à terra de sabor tão primitivo e nazista. É preciso responder aos desafios da história.

O Brasil está condenado a ser moderno.